

**O CORPO COMO ENUNCIAÇÃO:  
DESLOCAMENTO DISCURSIVOS E PERFORMATIVIDADE IDENTITÁRIA  
NA TRAJETÓRIA DE THAÍS CARLA**

THE BODY AS ENUNCIATION:  
DISCURSIVE DISPLACEMENTS AND IDENTITY PERFORMATIVITY IN THE  
TRAJECTORY OF THAÍS CARLA

Neorge Lima Santana<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Tocantins

Thiago Barbosa Soares<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Tocantins

**Resumo:** Este artigo propõe uma análise discursiva da trajetória midiática da influenciadora Thaís Carla, utilizando a Análise do Discurso de linha francesa. A pesquisa examina como a influenciadora, que foi inicialmente conhecida por promover o ativismo gordo e a aceitação do corpo feminino fora dos padrões convencionais, transforma suas declarações ao se submeter à cirurgia bariátrica, passando a adotar discursos focados na saúde e no autocuidado. A mudança não é vista como contradição, mas como um deslocamento discursivo, resultado das condições materiais e ideológicas que influenciam o sujeito. Com base nos trabalhos de Pêcheux, Orlandi, Foucault e autores brasileiros contemporâneos, são utilizados conceitos fundamentais como sujeito, formação discursiva, e performatividade digital. Conclui-se que o corpo da influenciadora atua como um espaço simbólico de disputa de sentidos e que a linguagem, ao refletir essas disputas, reposiciona o sujeito discursivo de acordo com as exigências sociais, políticas e midiáticas do tempo presente.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso; sujeito; corpo gordo; redes sociais; deslocamento discursivo.

<sup>1</sup> Acadêmico do curso de Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Email: neorge.lima@mail.uft.edu.br.

<sup>2</sup> Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor adjunto no curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Pesquisador bolsista de produtividade do CNPq. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8919327601287308>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2887-1302>. Email: thiago.soares@mail.uft.edu.br.

**Abstract:** This article proposes a discursive analysis of the mediatic trajectory of influencer Thaís Carla, using French Discourse Analysis. The research examines how the influencer, who was initially known for promoting fat activism and acceptance of the female body outside conventional standards, changes her statements when she undergoes bariatric surgery, adopting discourses focused on health and self-care. The change is not seen as a contradiction, but as a discursive shift, resulting from the material and ideological conditions that influence the subject. Based on the works of Pêcheux, Orlandi, Foucault and contemporary Brazilian authors, fundamental concepts such as subject, discursive formation and digital performativity are used. It is concluded that the influencer's body acts as a symbolic space for the dispute of meanings and that language, by reflecting these disputes, repositions the discursive subject according to the social, political and media demands of the present time.

**Keywords:** Discourse Analysis; subject; fat body; social media; discursive displacement.

### Texto de autor convidado.

#### Introdução

Thais Carla da Rocha dos Santos ganhou notoriedade no mundo digital devido à sua atuação como bailarina, influenciadora e defensora da aceitação corporal. Tornou-se conhecida por promover um discurso positivo sobre a obesidade como uma expressão legítima do corpo feminino. Sua trajetória passou por uma mudança significativa após a realização de uma cirurgia bariátrica em abril de 2025. Essa alteração de postura gerou discussões nas redes sociais e na mídia acerca de coerência, identidade e saúde, expondo conflitos de significado relacionados aos corpos gordos, à estética e ao autocuidado.

Neste artigo, propomos uma análise dessa mudança discursiva, fundamentada nos princípios da Análise do Discurso de linha francesa, conforme estabelecido por Michel Pêcheux (1990) e no Brasil por Eni Orlandi (2009). Com base nos conceitos de formação discursiva, sujeito e interdiscurso, examinamos como a influenciadora transita entre discursos de resistência e discursos biomédico-normativos, mantendo seu lugar de fala como mulher gorda, ativista e feminista. Além disso, nós apoiamos nas contribuições de Michel Foucault (1979), particularmente em sua ideia de cuidado de si, e de Maingueneau (2025) para enfatizar que o sujeito é compreendido como uma construção relacional. Para entender como esses discursos circulam e são ressignificados nas redes sociais, usamos

as reflexões de Soares (2025) sobre performatividade e discursos midiáticos como suporte analítico.

Dito isso, este artigo, não se trata de identificar contradições ou "mudanças de opinião", mas de entender como os sentidos são gerados em contextos materiais específicos, onde o indivíduo é influenciado por diversas formações discursivas. A trajetória de Thaís Carla demonstra como o corpo, enquanto um espaço simbólico e político, está continuamente em diálogo com as normas sociais, médicas e midiáticas.

### **Aparato teórico-metodológico: a constituição do sujeito discursivo na Análise do Discurso de linha francesa**

A Análise do Discurso (AD) de linha francesa, criada por Michel Pêcheux, sugere uma concepção de sujeito como efeito da linguagem, constituído por formações ideológicas e discursivas. Ao contrário da perspectiva de um sujeito autônomo e transparente, a Análise do Discurso (AD) reconhece que o sujeito é influenciado por discursos anteriores, conceito que Pêcheux chama de interdiscurso, isto é, um conjunto de dizeres pré-existentes que possibilita e restringe o que pode ser dito no presente (Pêcheux, 1990).

Eni Orlandi (2009) enfatiza que, no Brasil, o indivíduo é sempre histórico e ideológico, sendo formado nas relações de linguagem. Segundo Orlandi (2009), o indivíduo não é proprietário de suas palavras, mas sim atravessado por elas, sendo interpelado por discursos que o precedem e o superam. Essa visão destaca que o sujeito é sempre um resultado de sentido, gerado nas circunstâncias materiais e históricas de sua enunciação.

Na Análise do Discurso (AD), o sujeito discursivo não é uma entidade estática ou independente; ele se forma por meio da interação contínua com o outro, utilizando-o como ponto de referência para a construção de sua identidade e papel no discurso. Essa construção acontece em uma cena enunciativa particular, onde o sujeito ocupa um espaço que está constantemente marcado por conflitos e negociações de significados. Conforme afirma Maingueneau, “o discurso só é discurso enquanto remete a um sujeito, um EU, que se coloca como fonte de referências pessoais, temporais, espaciais [...] e, ao mesmo

tempo, indica que atitude está tomando em relação àquilo que diz e em relação a seu coenunciador” (Maingueneau, 2024, p. 67)

Ao se expressar, o sujeito procura criar uma imagem de si mesmo, o ethos, que esteja alinhada com os valores e as expectativas de uma determinada comunidade discursiva. Nesse processo, ele se estabelece e se valida como membro de um espaço simbólico que compartilha significados, normas e formas de pertencimento. Conforme o autor, o ethos “remete à imagem desse ‘fiador’ que, por meio de sua fala, confere a si próprio uma identidade compatível com o mundo que ele deverá construir em seu enunciado” (Maingueneau, 2024, p. 124).

Além disso, Maingueneau ressalta que essa constituição envolve a incorporação de modos de ser e de se posicionar, que são característicos de uma coletividade: “essas incorporações permitem a constituição de um corpo, o da comunidade imaginária dos que comungam na adesão a um mesmo discurso” (Maingueneau, 2024, p.125).

No caso de Thaís Carla, sua atuação como ativista do corpo gordo está inserida em formações discursivas de resistência que desafiam o padrão hegemônico de corpo saudável, magro e produtivo. A sua formação como sujeito discursivo ocorre na interseção entre o discurso feminista interseccional militante, os discursos da mídia e os discursos médicos que controlam e disciplinam os corpos. Assim, a Análise do Discurso possibilita entender de que maneira esse sujeito é formado discursivamente em relação a outros discursos, não por escolha pessoal, mas por sua posição em uma rede ideológica.

Soares (2020) analisa a construção discursiva do sucesso sob a ótica da Análise do Discurso de orientação materialista. Ele ressalta que o sujeito é atravessado por formações discursivas que o posicionam em determinadas condições de produção. Segundo o autor, a formação do sujeito está diretamente relacionada às práticas sociais e ideologias presentes na sociedade, que têm um impacto significativo na criação de sentidos. Conforme Soares afirma:

O sujeito para a Análise do Discurso é caracterizado pela divisão e dispersão, uma vez que é produzido na relação com o interdiscurso, mas que se apresenta com a aparência (ilusão) de unidade, precisamente porque nele atua o esquecimento nº 1; ora, o sujeito é dividido por desconhecer as determinações de seu dizer, ao passo que se coloca como origem desse dizer (Soares, 2020, p. 23).

Ademais, essa formação discursiva do sujeito demonstra que a identidade é formada pelas ideologias predominantes, que atuam de maneira silenciosa nos discursos e nas práticas sociais. Como afirma o autor, o sujeito acredita ser origem de seu dizer, mas essa percepção é um “efeito da forma-sujeito do discurso”, cuja função é “mascarar o objeto daquilo que chamamos o esquecimento nº 1 [ser a fonte/origem do discurso], pelo viés do funcionamento do esquecimento nº 2 [ser quem seleciona, determina o que será dito]” (Soares, 2020, p. 22).

Dessa maneira, o sujeito não é origem autônoma do sentido, mas efeito de relações ideológicas e discursivas que o determinam historicamente. E para além disso, as formações discursivas enraizadas em relações históricas de poder podem moldar os sentidos possíveis e disponíveis ao sujeito.

Em suma, essas contribuições fortalecem a noção de que o sujeito discursivo é sempre um efeito da linguagem, formado nas interações sociais e históricas. No caso da Thaís Carla, sua mudança de posicionamento de uma defesa radical da aceitação corporal para um discurso focado em autocuidado e saúde, pode ser entendida como uma reconfiguração de significados dentro de condições materiais e ideológicas particulares. A Análise do Discurso possibilita a compreensão de que essa mudança discursiva não representa uma incoerência, mas um deslocamento entre diversas formações discursivas que permeiam o sujeito.

### **O corpo como lugar de disputa simbólica: uma análise**

De uma perspectiva foucaultiana, o corpo é atravessado por uma variedade de práticas discursivas que normalizam, regulam e performatizam o corpo. Michel Foucault (1979) argumenta que o corpo é uma manifestação de relações de poder, sujeito a discursos que determinam o que é normal ou anormal, saudável ou patológico, belo ou feio. Este conceito é crucial para entender como o corpo é social e historicamente construído e usado como uma ferramenta de controle e dominação.

No contexto brasileiro contemporâneo, o corpo feminino, especialmente o corpo obeso, tornou-se palco de controvérsias simbólicas. A influenciadora Thaís Carla se tornou uma figura pública que desafia os padrões hegemônicos de beleza ao afirmar sua

identidade de mulher gorda, e periférica. Seu corpo é reinterpretado como um símbolo de empoderamento, de acordo suas próprias palavras: "eu já ouvi tanto por aí que não tenho saúde. Olham para a minha gordura e já associam a doenças. Eu sempre quis ser mãe, mas me falavam que eu não conseguiria engravidar por ser gorda. Diziam até que eu morreria no parto", [...] as pessoas não estão acostumadas a ver um corpo gordo livre." O que contradiz narrativas biomédicas e midiáticas que promovem a magreza como um sinal de saúde e sucesso.

A análise discursiva que Thais Carla produziu antes da cirurgia bariátrica revela seu confronto simbólico com a biopolítica, tal como Foucault (1979) a expressou, questionando o saber médico e deslegitimando a ideia de que a obesidade é um problema a ser resolvido. No entanto, após a cirurgia, seu discurso começou a girar em torno de outra forma de discurso, baseada no autocuidado e na assistência preventiva à saúde, como ela mesmo enfatiza em uma entrevista em uma entrevista ao Gshow (2025):

**“Sempre defendi o amor-próprio, que é algo completamente diferente. Me aceitar e lutar contra a gordofobia nunca significou romantizar a dor ou a limitação, muito pelo contrário. Sempre falei sobre saúde emocional, autoestima e respeitar os próprios limites”.**



**Figura 1** – Reprodução/Instagram via GSHOW. Disponível em: <https://gshow.globo.com/cultura-pop/famosos/noticia/thais-carla-rebate-criticas-apos-bariatrica-nunca-defendi-obesidade-mas-o-amor-proprio.ghtml>. Acesso em: 7 jun. 2025.

Essa mudança não significa necessariamente uma desistência, mas sim uma reconstrução do discurso que revela a ambiguidade do corpo como símbolo ideológico. Na Análise do Discurso (AD), o corpo humano é visto como uma materialidade discursiva, ou seja, “uma extensão da linguagem”, desempenhando um papel essencial nos processos de subjetivação que interpelam o indivíduo por meio da ideologia (Boucher; Soares, 2021, p. 9). Nesse contexto, corpo, linguagem e história não podem ser separados.

Para Soares e Boucher (2021), “o corpo, ainda como um objeto comercializável e rentável, torna-se parte integrante de uma rede de sentidos que atravessa o campo político, da saúde, do lazer, entre outros” (Boucher; Soares, 2021, p. 11). Esses sentidos são historicamente formados e mantidos por formações discursivas que estabelecem o que é permitido e necessário dizer sobre o corpo em diversas situações sociais (p. 13).

Particularmente o corpo feminino é objeto de representações simbólicas que formam identidades, sendo frequentemente erotizado, controlado e padronizado estéticamente. A mídia, enquanto produtora de sentidos, contribui para esse processo ao apresentar representações estereotipadas do “corpo de sucesso”. De acordo com Soares e Boucher (2021) “o corpo é discursivizado a partir do funcionamento da subjetivação e, consequentemente, da ressignificação de sujeitos e de sentidos no discurso do sucesso midiático” (Boucher; Soares, 2021, p. 10).

Esses sentidos não aparecem de maneira espontânea. Eles são sustentados por memórias discursivas, isto é, por um “efeito subjetivo de anterioridade” (Boucher; Soares, 2021, p. 12), que recupera afirmações já consolidadas sobre o corpo, como beleza, saúde, desejo, e as reinscreve em contextos diferentes. Um exemplo disso é a repetida utilização da expressão “sexy já!”, que evoca conexões com liberdade, erotismo e urgência, atuando como um “catalisador de sucesso” (p. 12).

Quando exposto a essas representações, o leitor é instigado a agir: a consumir, a se transformar e a adotar padrões. “A revista se coloca impositivamente como a detentora desse treinamento” (Boucher; Soares, 2021, p. 19), estabelecendo uma lógica de exclusão: quem não se conforma às normas, quem não consome, não se encaixa no padrão de corpo almejado.

Assim, o discurso da mídia se baseia em mecanismos de sedução e intimidação, utilizando estratégias verbais e visuais que despertam emoções e controlam comportamentos. Como afirmam os autores, é “uma metáfora de intimidade, colocando-se como a única revista que está perto de seus clientes, como seu próprio título sugere, *Corpo a Corpo*” (Boucher; Soares, 2021, p. 22).

Por isso, é fundamental entender que, na AD, o corpo não é somente uma entidade biológica, mas também uma construção histórica e simbólica. Ele é “um espaço onde se encontram saberes, poderes e afetos” e, por isso, deve ser examinado a partir dos discursos que o atravessam e o definem. Na teoria do discurso, os autores Boucher e Soares (2021), sugerem várias abordagens para a análise do corpo. Apesar de não serem formalmente divididos em três eixos, a saber: “corpo e materialidade discursiva”, “corpo e enunciação” e “corpo e subjetividade”, esses tópicos estão interligados ao longo de toda a análise.

Na Análise do Discurso, o corpo é visto como “uma materialidade discursiva e, por conseguinte, uma extensão da linguagem”, desempenhando um papel fundamental na criação de sentidos sociais (Boucher; Soares, 2021, p. 11). Por sua vez, essa materialidade é permeada por discursos que atualizam e historicizam modos de enunciação e subjetivação. A enunciação, de acordo com os autores, é o meio pelo qual os sentidos são construídos e atualizados nas práticas discursivas cotidianas, no que diz respeito à relação entre corpo e lugar de enunciação (Boucher; Soares, 2021, p. 91). Nesse contexto, o corpo atua tanto como enunciado quanto como espaço de fala e escuta, contribuindo para a produção simbólica presente em revistas, anúncios e redes sociais. Dessa forma, o corpo é apresentado discursivamente nas diversas plataformas tanto como produto quanto como sujeito de sentido.

No que diz respeito à subjetividade, os autores discutem como o sujeito é formado por meio da linguagem. Por exemplo, o “corpo do sucesso” é retratado como um resultado de sentidos que permeiam as mídias, influenciando práticas, emoções e escolhas dos indivíduos. Eles sustentam que, nesses discursos, o corpo “é discursivizado a partir do funcionamento da subjetivação e, consequentemente, da ressignificação de sujeitos e de sentidos” (Boucher; Soares, 2021, p. 13).

Segundo eles, o corpo é um espaço de conflito simbólico e tensão ideológica. Nesse sentido, o corpo pode ser visto como um espaço de confronto entre discursos dominantes e discursos alternativos. Os autores destacam que “o corpo feminino foi tomado na história por um processo de contradição: corpo velado, corpo desvelado; corpo submisso, corpo resistência” (Boucher; Soares, 2021, p. 107). Essa formulação possibilita a concepção do corpo como um território ambivalente, onde a dominação coexiste com possibilidades de resistência.

Esses argumentos nos remetem a pensar, portanto, na mídia digital como um novo espaço para a disseminação de discursos sobre o corpo. No caso da Thaís Carla, a análise das representações corporais na mídia sugere que a resistência pode se manifestar na visibilidade de corpos não hegemônicos, mesmo quando confrontados com discursos de normatização.

Para além disso, essas reflexões se alinham à análise apresentada por Mendes e Soares (2023) a respeito da representação de corpos femininos plus size e negros na capa da *Revista Vogue*. Ao destacar a modelo Precious Lee, a análise desafia as percepções historicamente estabelecidas sobre o corpo na mídia de moda. Da mesma forma que Thaís Carla, que antes da cirurgia bariátrica desafiava narrativas biomédicas e midiáticas ao afirmar sua existência como mulher gorda, periférica e livre, a presença de Precious Lee também provoca deslocamentos simbólicos ao assumir um papel central historicamente negado. Entretanto, ambas as representações apresentam uma ambiguidade: embora promovam uma estética de resistência, também se inserem em uma lógica de consumo que redefine os corpos dentro de padrões de aceitabilidade. Como afirmam os autores, “o corpo feminino plus size é uma materialidade simbólica em constante fluxo, moldada pelos discursos midiáticos e culturais” (Mendes; Soares, 2023, p. 15). Esses sentidos não são fixos, pois “todo discurso se configura na tensão entre o que permanece na memória e o que se renova e adquire novos sentidos” (Mendes; Soares, 2023, p. 7).

Dessa forma, tanto o discurso de Thaís Carla quanto a imagem de Precious Lee evidenciam como o corpo atua como um espaço de discurso e ideologia, permeado por conflitos simbólicos nos quais resistências e normatizações coexistem. Isso reforça a

noção de que o corpo, além de ser uma entidade biológica, é um produto histórico, político e simbólico, formado pelos discursos que o criam e lhe atribuem significado.

O percurso discursivo de Thaís Carla demonstra um processo de deslocamento discursivo significativo. No início, sua atuação nas redes sociais focava na promoção da aceitação corporal, contestando os padrões estéticos predominantes e incentivando o empoderamento de corpos gordos. Entretanto, após passar por uma cirurgia bariátrica, notou-se uma alteração em seu discurso, que agora foca na saúde e no autocuidado. Esse movimento não deve ser visto como uma mera contradição, mas como um deslocamento discursivo, que é um conceito central na Análise do Discurso (AD) de linha francesa.

De acordo com Orlandi (2009), o deslocamento de sentidos acontece quando há uma alteração nas condições de produção do discurso, fazendo com que o sujeito assuma novas posições discursivas. Essa transformação não é fruto de uma escolha individual consciente, mas é consequência das interações entre o indivíduo e as formações discursivas que o influenciam. Desse modo, o discurso de Thaís Carla após a cirurgia pode ser entendido como uma reestruturação de significados, afetada por novas circunstâncias materiais e ideológicas.

Na Análise do Discurso (AD), o sujeito não é visto como fonte autônoma de sentido, mas como um produto da linguagem, formado pelas construções discursivas e ideológicas que o permeiam. Soares (2020) destaca essa visão ao declarar que: “O sujeito se produz entre diferentes discursos, numa relação regrada com a memória do dizer (o interdiscurso), definindo-se em função de uma formação discursiva na relação com as demais” (Soares, 2020, p. 22). Dessa forma, a mudança no discurso de Thaís Carla reflete uma reconfiguração das formações discursivas que a constituem, destacando a complexidade e a dinamicidade dos processos de significação.

Para além disso, de acordo com os princípios da Análise do Discurso materialista, a leitura discursiva não ocorre em um contexto neutro ou objetivo, mas em um espaço caracterizado por conflitos e processos de interpretação que envolvem sujeitos situados historicamente. Soares (2020) enfatiza que os sentidos não são oferecidos de maneira estável, uma vez que: “Os sentidos são sempre referidos a outros sentidos e é daí que tiram sua identidade. (...) Há uma parte do dizer, inacessível ao sujeito, e que fala em sua

fala. Mais ainda: o sujeito toma como suas as palavras da voz anônima produzida pelo interdiscurso” (Soares, 2020, p. 20). Isso significa que o sujeito está em constante negociação com os discursos que o atravessam, o que pode levar a deslocamentos discursivos como o observado na trajetória de Thaís Carla.

Essas contribuições fortalecem a noção de que o sujeito discursivo é sempre um efeito da linguagem, formado nas interações sociais e históricas. A mudança de Thaís Carla, de uma defesa radical da aceitação corporal para um discurso focado em autocuidado e saúde, pode ser entendida como uma reconfiguração de sentidos dentro de condições materiais e ideológicas particulares. A Análise do Discurso possibilita a compreensão de que essa mudança discursiva não representa uma incoerência, mas um deslocamento entre diversas formações discursivas que influenciam o sujeito.

As redes sociais têm um papel fundamental na disseminação, repetição e contestação dos discursos atuais. Conforme apontam Fernandes, Boucher e Soares (2025), as mídias atuam como espaços onde “essas redes trabalham na atualização do discurso fundador (Orlandi, 2001) e põem em relevo o papel constitutivo das memórias [...] quando faz reverberar/atualizar seus efeitos no campo intradiscursivo” (p. 89). Nesse contexto, os sentidos não são fixos, mas estão em constante atualização, disputa e tensão devido a diferentes formações ideológicas.

De acordo com os autores, o espaço digital pode ser entendido como um território de interpelação, no qual o sujeito “é afetado pelos discursos no ‘ricochete entre os pontos A e B’” (Pêcheux, 1997, p. 82, apud Fernandes, Boucher, Soares, 2025, p. 88), possibilitando tanto a projeção idealizada quanto o silenciamento constitutivo. Desse modo, a performatividade digital diz respeito à habilidade das pessoas de criarem e recriarem suas identidades por meio da enunciação e da circulação de sentidos nas plataformas digitais.

Thaís Carla, enquanto influenciadora digital, constrói sua imagem pública por meio da interconexão entre exposição, visibilidade e interação. Sua escolha de se submeter a uma cirurgia bariátrica, por exemplo, gerou reações ambivalentes: por um lado, apoio à sua decisão pessoal; por outro, críticas por supostamente abandonar a militância anticapacitista e gordativista. Essa tensão indica que “as imagens projetadas se

dão de maneira a respeitar a assimetria imposta por esse imaginário (as posições-sujeitos) em funcionamento cuja dinâmica deste ‘faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem’” (Orlandi, 2015, p. 40, apud Fernandes, Boucher, Soares, 2025, p. 101).

A Análise do Discurso (AD) permite compreender esse processo como uma luta discursiva, na qual os sentidos relacionados ao corpo, à saúde e à identidade feminina são constantemente negociados. A performatividade digital, assim, é vista como “um processo de subjetivação, um ‘processo pelo qual se obtém a constituição de um sujeito’” (Foucault, 2014, p. 85, apud Revel, 2005, apud Fernandes, Boucher, Soares, 2025, p. 105). Isso demonstra que as identidades são resultadas de discurso e estão sempre em disputa. Nesse sentido, influenciadores digitais como Thaís Carla “empregam estratégias discursivas para criar suas identidades e estabelecer vínculos com seus públicos”. Isso inclui “a imagem que esse faz de si e do outro”, ou seja, as Formações Imaginárias (FIms), que “funcionam como projeções sociais” e são ativadas por meio de “gatilhos interacionais” (Fernandes, Boucher, Soares, 2025, p. 92).

Para mais, é importante ressaltar que a performatividade digital está profundamente ligada ao conceito de autenticidade, que é fundamental na cultura das redes. Assim, o desafio reside em “dissipar a ingênuia ilusão da objetividade da linguagem, a ilusão da linearidade da história e da total consciência do sujeito em suas tomadas de decisões” (Fernandes, Boucher, Soares, 2025, p. 105). Isso ocorre porque o indivíduo digital está sempre engajado em um jogo de forças, buscando equilibrar a necessidade de autenticidade com as estratégias performativas que o mantêm no espaço midiático.

No caso de Thaís Carla, a repercussão de sua mudança de posicionamento foi intensificada por essas dinâmicas de circulação, em que assuntos polêmicos recebem destaque e reverberam em uma escala maior. Essa intensificação contribuiu para a disputa simbólica envolvendo sua imagem e o corpo gordo, expondo o aspecto ideológico da visibilidade digital. Conforme apontam os autores, o indivíduo é impactado por discursos que não apenas o representam, mas o constroem a partir das condições ideológicas e históricas de sua enunciação (Fernandes; Boucher; Soares, 2025, p. 101)

Portanto, a performatividade digital é um processo complexo e dinâmico, marcado por reconfigurações identitárias que estão em constante negociação. A trajetória de Thaís Carla ilustra como os sujeitos se reposicionam discursivamente em resposta às reações do público, às condições materiais de visibilidade e às formações ideológicas presentes nas plataformas. Fernandes, Boucher, Soares (2025) afirmam que entender esses movimentos requer o reconhecimento de que "a linguagem [...] atua sobre a ideologia [...] e projeta-se no futuro, mas também é histórica porque cria tradição, passado, e influencia novos acontecimentos" (Fernandes, Boucher, Soares, 2025, p. 94). Ao conectar linguagem, memória e ideologia, a Análise do Discurso fornece instrumentos para entender a formação dos sujeitos e a criação de sentidos nas redes, destacando o papel fundamental da linguagem na disputa simbólica da contemporaneidade.

### **Considerações finais**

Este artigo analisou a trajetória discursiva da influenciadora Thaís Carla utilizando a Análise do Discurso de linha francesa, destacando as mudanças e reconfigurações de sentidos que ocorreram desde sua defesa da aceitação do corpo gordo até um discurso focado no autocuidado e na saúde após sua cirurgia bariátrica. Com base nos conceitos fundamentais da Análise do Discurso: sujeito, formação discursiva, memória discursiva e interdiscurso, foi possível constatar que essa mudança não deve ser vista como uma contradição individual, mas como resultado das condições materiais, ideológicas e tecnológicas que permeiam o ato de dizer.

A formação do indivíduo na AD, como resultado da linguagem e da ideologia, possibilitou entender que Thaís Carla não troca um discurso por outro de maneira espontânea; ela se desloca discursivamente conforme sua posição social, corporal e simbólica se altera. Seu corpo, que anteriormente era um símbolo de resistência a padrões estéticos, passa a ser também um espaço de negociação com o discurso médico e com as exigências de saúde e bem-estar, gerando tensões entre as diversas formações discursivas.

As redes sociais, como espaço de performatividade digital, atuam como um ambiente de debate onde os significados são criados, contestados e retomados. Por expor

sua vida nas redes sociais, ativa a memória discursiva de seus seguidores, que cobram, por sua vez, coerência, atribuem julgamentos e exigem posicionamentos. Nesse contexto, a Análise do Discurso (AD) possibilita destacar a instabilidade dos sentidos, sua natureza conflituosa e a operação da linguagem como uma prática social.

Durante a análise, foi evidenciado que a linguagem não só retrata a realidade, mas também a cria, formando indivíduos e reestruturando sentidos. A trajetória de Thaís Carla demonstra que corpo, saúde e militância são elementos simbólicos que os discursos atualizam de acordo com o contexto. Dessa forma, destaca-se a relevância de considerar a linguagem como um espaço de conflito, no qual o indivíduo está constantemente em movimento, sendo reposicionado pelas formações discursivas que o atravessam.

Por fim, o corpo de Thaís Carla se transforma em um espaço de enunciação e disputa, onde diversos sentidos, como saúde, beleza, sucesso e liberdade, são negociados. A análise revela que o corpo, como materialidade discursiva, atua tanto como um produto quanto como um produtor de sentidos. Desse modo, a Análise do Discurso se revela uma ferramenta eficaz para desvendar as dinamicidades ideológicas presentes nas práticas sociais e midiáticas, proporcionando uma análise crítica dos processos identitários e das construções simbólicas do corpo na sociedade contemporânea.

## Referências

BOUCHER, Damião Francisco; SOARES, Thiago Barbosa. O corpo na materialidade discursiva do sucesso: uma análise de capas de revista “Corpo a Corpo”. **Revista Littera**, São Luís, n. 22, p. 1–170, 2021. Disponível em: <https://periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/littera/issue/view/749/163> Acesso em: 31 maio 2025.

CARLA, Thaís. Ser gorda, maravilhosa e ter saúde ainda choca as pessoas. Entrevista concedida a Gustavo Frank. **UOL Universa**, 22 jul. 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/07/22/tais-carla-eu-choco-as-pessoas-so-por-ser-gorda-livre-e-ter-saude.htm>. Acesso em: 7 jun. 2025.

CARLA, Thaís. “Thaís Carla rebate críticas após bariátrica: ‘Nunca defendi obesidade, mas o amor-próprio’”. Gshow, 30 abr. 2025. Disponível em: <https://gshow.globo.com/cultura-pop/famosos/noticia/tais-carla-rebate-criticas-apos-bariatrica-nunca-defendi-obesidade-mas-o-amor-proprio.ghtml>. Acesso em: 7 jun. 2025

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

FERNANDES, Elizangela Araújo dos Santos; BOUCHER, Damião Francisco; SOARES, Thiago Barbosa. Espacialidades discursivas: sentidos e sujeitos nas projeções midiáticas do Tocantins. **Revista Linguasagem**, São Carlos, v. 48, n. 1, p. 86–108, 2025. ISSN 1983-6988. Disponível em: <https://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/1504>. Acesso em: 31 maio 2025.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação.** Tradução de Maria Cecília de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2024.

MENDES, Dorkas Brandão; SOARES, Thiago Barbosa. Revolucionando o olhar: análise da representação do corpo plus size negro feminino na capa da revista Vogue. **Gestadi – Revista do Grupo de Estudo de Análise do Discurso**, v. 1, n. 2, p. 1–16, 2023. ISSN 2965-4440. Disponível em: <http://www.gestadi.periodikos.com.br/article/doi/10.5281/zenodo.10203605>. Acesso em: 7 jun. 2025.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso:** princípios & procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi et. al. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

SOARES, Thiago Barbosa. Discurso do Sucesso: sentidos e sujeitos de sucesso no Brasil contemporâneo. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, [S. l.], v. 45, n. 3, p. 1082–1091, 2016. DOI: 10.21165/el.v45i3.658. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/658>. Acesso em: 7 jun. 2025.

SOARES, Thiago Barbosa. **Composição discursiva do sucesso:** efeitos materiais no uso da língua. Brasília: EDUFT, 2020.